

INSERÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

INSERTION OF ADVENTURE CORPORAL PRACTICES IN CHILDREN'S PHYSICAL EDUCATION: EXPERIENCES FROM SUPERVISED INTERNSHIP

Joana da Rocha Marques Santana

Graduanda em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2063-3610>
Email: joanadarocho635@gmail.com

Guilherme Luiz de Souza

Graduando em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5260-2254>
Email: guilhermesouza04012@gmail.com

Alessandra Catarina Martins

Possui graduação em Educação Física (Licenciatura) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3145-2291>
Email: alessandracatarinamartins@gmail.com

Franciane Maria Araldi

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0526-127X>
Email: franciane.m.araldi9@gmail.com

Resumo: O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, que tem como objetivo apresentar as possibilidades para inserção das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, a partir de uma experiência no Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), desenvolvido por dois estudantes estagiários em um Núcleo de Educação Infantil (NEIM) localizado no Estado de Santa Catarina, com crianças de três anos de idade. Foram realizadas quinze intervenções, as quais ocorreram duas vezes por semana e foram trabalhadas as práticas de surfe, skate, slackline, barco a vela; parkour e paraquedismo. Para realizar as atividades, foram feitas adaptações para torná-las viáveis e mais lúdicas. Apesar do tempo reduzido para o desenvolvimento das diversas modalidades que compõem as práticas corporais de aventura, foi possível trabalhar este conteúdo com as crianças.

Palavras-chave: Práticas corporais de aventura. Educação Física. Educação infantil. Estágio.

Abstract: This study is characterized as an experience report that aims to present the possibilities for inserting adventure corporal practices in Physical Education classes in Early Childhood Education, based on an experience in the Supervised Curricular Internship of the Physical Education Degree course at the State University of Santa Catarina (UDESC). The internship was carried out by two student interns in an Early Childhood Education Center (NEIM) located in the State of Santa Catarina, with three-year-old children. Fifteen interventions were conducted, occurring twice a week, involving activities such as surfing, skateboarding, slacklining, sailing, parkour, and skydiving. Adaptations were made to make the activities feasible and more playful. Despite the limited time available for the development of the various modalities that make up adventure corporal practices, it was possible to work on this content with the children.

Keywords: Adventure corporal practices. Physical Education. Early childhood education. Internship.

Introdução

A unidade temática *Práticas Corporais de Aventura* pode ser considerada uma abordagem inovadora no ambiente escolar, sendo amplamente investigada e relatada por diversos autores (Ferreira; Silva, 2020; Francisco; Figueiredo; Duek, 2020; Iacznski; Figueiredo; Duek, 2021; Maldonado; Silva, 2015; Martins; Anselmo, 2015; Paixão, 2017; Pereira; Armbrust, 2010; Sena; Lemos, 2020; Tahara; Carnicelli Filho, 2013; Tahara; Darido, 2016; Tahara; Darido, 2018). Essa temática se diferencia dos esportes tradicionais frequentemente abordados nas escolas, proporcionando às crianças o contato com diversas práticas alternativas. Segundo Tahara e Darido (2016), as práticas corporais de aventura não se limitam apenas ao desenvolvimento de habilidades motoras, mas também desafiam estudantes e docentes, promovendo valores formativos, como respeito e cooperação, além de abordar temas transversais à Educação Física, como a relação com o meio ambiente.

No contexto da Educação Infantil, as práticas corporais de aventura ainda são pouco exploradas, mas viáveis, como apontam diversos estudos (Ferreira; Silva, 2020; Francisco; Figueiredo; Duek, 2020; Iacznsk; Figueiredo; Duek, 2021; Martins; Anselmo, 2015). Modalidades como surfe, *skate*, *parkour*, *slackline* e escalada podem ser inseridas no cotidiano das crianças, por meio de propostas que valorizem a ludicidade e o imaginário, tornando essas experiências mais atrativas e acessíveis (Francisco; Figueiredo; Duek, 2020; Martins; Anselmo, 2015).

Franco (2008) afirma que as atividades de aventura são essenciais no contexto escolar, pois essa vivência pode proporcionar sensações e experiências que atingem os aspectos afetivo, cognitivo e motor dos estudantes, ainda que essa prática seja adaptada às estruturas escassas das escolas. Reforçando essa perspectiva, outros autores defendem a importância da inserção das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física (Pereira; Armbrust, 2010; Santos *et al.*, 2014; Tahara; Darido, 2016; Tahara; Darido, 2018). A inclusão dessas práticas amplia o aprendizado dos estudantes sobre a cultura corporal de movimento, e pode despertar o interesse por essas modalidades, gerar diferentes emoções e contribuir para a aquisição de novos conhecimentos, além da ampliação do repertório motor e cultural (Tahara; Carnicelli Filho, 2013).

Os esportes de aventura também podem oferecer desafios significativos para estudantes e professores, sendo experiências fundamentadas nos princípios da cultura corporal do movimento e um tema relevante para o desenvolvimento das aulas de Educação Física (Franco, 2008). Embora os esportes tradicionais, especificamente, futebol, handebol, basquetebol e voleibol, ainda predominem nas escolas, enfatizar conteúdos inovadores pode estimular os alunos a explorar modalidades esportivas com as quais têm pouco ou nenhum contato (Tahara; Carnicelli Filho, 2010).

Embora a literatura traga pesquisas sobre as práticas corporais de aventura na Educação Física escolar, ainda são poucos os estudos que exploram essa temática no contexto da Educação Infantil (Ferreira; Silva, 2020; Loureiro *et al.*, 2018). Diante disso, este estudo tem como objetivo apresentar possibilidades de inserção dessas práticas nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, com base em uma experiência realizada no Estágio Curricular Supervisionado.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, descrevendo a vivência de dois acadêmicos no Estágio Curricular Supervisionado I: Educação Infantil, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Esse caracteriza-se como o primeiro estágio da Universidade, que em sua grade curricular conta com cinco estágios obrigatórios, ocorrendo um em cada etapa da Educação Básica e ainda um na modalidade da Educação Especial. A experiência em questão ocorreu em um Núcleo de Educação Infantil Municipal (NEIM) localizado no município de Florianópolis, Santa Catarina, que atende crianças de dois a seis anos, nos períodos matutino e vespertino, organizada em oito grupos, sendo quatro grupos por período. Nenhum desses grupos atende crianças em tempo integral. A instituição conta com um quadro de funcionários composto por professoras regentes, professoras de educação especial, diretora, supervisora pedagógica, professora de Educação Física, funcionários

responsáveis por questões administrativas, limpeza e alimentação.

No que se refere à infraestrutura da instituição, na parte interna há quatro salas de referência, todas com banheiro infantil, sala de direção, sala multimeios para atendimento às crianças da educação especial, sala de supervisão pedagógica, sala dos professores, cozinha, lavanderia e refeitório que fica localizado logo no *hall* de entrada da instituição. As salas de referência contam com diversos brinquedos de variadas cores, tamanhos e texturas que ficam organizados em estantes acessíveis para as crianças.

Na parte externa, a instituição conta com um parque com diversos brinquedos como escorregadores, balanços (convencionais e adaptados), gira-gira, gangorra, *playground* estilo barco, torre de pneus, uma miniquadra de concreto e um amplo espaço arborizado com mesas de madeira. Em relação aos materiais disponíveis para as aulas de Educação Física, especificamente, para desenvolver a unidade temática das práticas corporais de aventura, haviam arcos, carrinhos de rolimã, *skate*, *slackline*, cordas, bolinhas de piscina coloridas, simulador de surfe, bolas de borracha, simuladores de equilíbrio de *skate*, entre outros.

O grupo no qual ocorreram as intervenções dos estagiários era do período vespertino, composto por 14 crianças, dez meninos e quatro meninas, com idade aproximada de três anos, sendo que dois eram atendidos no âmbito da Educação Especial. Era um grupo participativo, que se mostrava animado para realizar as propostas. Os momentos de Educação Física ocorriam duas vezes por semana, com aulas de uma hora e cinquenta minutos às quartas-feiras e cinquenta minutos às sextas-feiras, o que corresponde a três aulas semanais. Com base na análise do planejamento da professora da Educação Física que atuava com o grupo, no Projeto Político-Pedagógico da instituição (PPP) e nas duas semanas de observação da unidade educativa e grupo, foi elaborado um planejamento com o objetivo de explorar diferentes práticas corporais de aventura urbanas e da natureza. Outro ponto que favoreceu a escolha da temática foi a observação do espaço físico da unidade educativa e a região litorânea na qual ela está localizada, isso favoreceu a abordagem do tema da aventura.

O estágio na instituição foi realizado em sete semanas, das quais duas foram destinadas à observação da unidade educativa e do grupo escolhido pelos estagiários e cinco foram destinadas ao trabalho com as práticas corporais de aventura, totalizando 15 intervenções. No planejamento construído pelos estagiários foram delineados os conteúdos, objetivos e espaços que seriam utilizados, procedimentos didático-metodológicos, avaliação e cronograma com a sequência das aulas. Ao longo deste relato de experiência, serão detalhadas as propostas dos estagiários para trabalhar com os conteúdos de surfe, *skate*, *slackline*, barco a vela, *parkour* e paraquedismo.

Práticas corporais de aventura na Educação Infantil

Primeiramente, organizávamos uma atividade para os minutos iniciais das aulas, pois nas quartas-feiras as crianças chegavam à instituição e, em seguida, já acontecia o lanche da tarde, enquanto nas sextas-feiras a janta era servida antes da aula. No segundo momento, para contextualizar o conteúdo que seria abordado na aula, realizava-se uma roda de conversa com as crianças, na qual buscava-se apresentar o conteúdo por meio de fotos e vídeos relacionados à modalidade que seria vivenciada. No terceiro momento, utilizando os espaços da instituição e os materiais da instituição e/ou os construídos pelos estagiários, eram realizadas as atividades que remetiam à prática de aventura trabalhada no dia. Todas as atividades foram adaptadas a fim de que todas as crianças pudessem participar efetivamente. Por último, realizávamos uma roda de conversa final para dialogar com as crianças sobre as atividades realizadas, abordando aspectos como se gostaram, o nome dos objetos utilizados, o nome da prática de aventura, questões de segurança, entre outros.

As práticas corporais de aventura tematizadas nas aulas foram: atividades com prancha (surfe e *skate*), *slackline*, barco a vela, *parkour* e paraquedismo. Essas práticas foram vivenciadas pelas crianças, sendo abordados também temas referentes à segurança, respeito e colaboração na prática das atividades. Na sequência serão descritas as possibilidades utilizadas pelos estagiários para desenvolver esses conteúdos.

Surfe

De acordo com Francisco, Figueiredo e Duek (2020), surfe e *skate* são práticas que se complementam por conta de terem algumas características semelhantes, por isso, foram trabalhadas em sequência em nossas intervenções. Durante as primeiras intervenções, iniciamos com a prática do surfe e, para tanto, levamos uma prancha para as crianças subirem, tocarem e brincarem nos momentos iniciais da aula. Em um segundo momento, organizamos uma roda de conversa inicial com o intuito de levantar os conhecimentos prévios das crianças por meio de questionamentos: Qual o nome daquele brinquedo que trouxemos? O que é surfe? Onde podemos surfar? Vocês sabem surfar? As crianças demonstraram pouco conhecimento sobre a temática, mas estavam muito animadas para realizar a prática, especialmente após a apresentação de vídeos e fotos referentes a essa modalidade esportiva, que evidenciavam a participação de outras crianças nesse esporte.

Iniciamos a prática da modalidade em sala, por meio de brincadeiras. De acordo com Pereira e Armbrust (2010), as práticas corporais de aventura na água podem ser significativas para as vivências motoras em outro espaço e ensinar o surfe por meio de brincadeiras é uma forma de adaptar essa prática à realidade da instituição (Brasil, 2018). Dito isso, as primeiras aulas foram realizadas em sala, para que pudéssemos ensinar às crianças os fundamentos iniciais do surfe. Foram construídas pranchas de papelão, uma para cada criança, para que elas pudessem entender o que era uma prancha de surfe e como ela poderia ser utilizada. Os movimentos presentes no surfe foram apresentados por meio de brincadeiras e para enriquecer a experiência, utilizou-se um TNT azul para simular o mar e, com esse mesmo material, foram projetadas ondas para ensinar as crianças como nadar e ficar em pé na prancha. Além disso, as crianças foram levadas até o parque onde foram utilizados dois simuladores de surfe e pranchas de madeira com cano PVC embaixo, com o intuito de que fosse trabalhado o equilíbrio e as possibilidades do surfe.

Trabalhar com esse esporte foi uma forma de aproximar as crianças do contexto em que estão inseridas, mostrando que na região litorânea em que vivem, cercados por diversas praias, o surfe pode ser tanto uma brincadeira como um esporte e momento de lazer. A maior parte do grupo aderiu bem às atividades propostas. Algumas crianças demonstraram um pouco de medo no início da brincadeira, o que nos exigiu estratégias e didática para incentivá-las a superar o desafio. Durante as aulas nossa maior preocupação foi garantir a segurança das crianças, por isso todas as atividades trabalhadas foram adaptadas e supervisionadas a todo momento. Durante essas primeiras aulas, já foi possível perceber que a docência vai além de simplesmente propor atividades, especialmente na Educação Infantil. Ser professor exige não apenas o planejamento das aulas, mas também o cuidado com as crianças, promovendo seu desenvolvimento integral (Mello *et al.*, 2020).

Skate

De acordo com Armbrust e Lauro (2010), o *skate* chegou ao Brasil na década de 1960, justamente por meio de surfistas influenciados pelos anúncios das revistas americanas de surfe. Para introduzir o *skate* para as crianças de uma maneira que fosse acessível e significativa, conforme indica a literatura, foi feita uma adaptação das atividades para que o grupo conseguisse experimentar a prática, visto que eles eram um grupo com uma faixa etária de três anos (Maldonado; Silva, 2015).

A aula começou de forma lúdica, com dois *skates* colocados no meio da sala, permitindo que as crianças explorassem livremente, tocassem e brincassem com o instrumento, despertando a curiosidade. Logo em seguida, organizamos uma roda de conversa, com o intuito de levantar os conhecimentos prévios das crianças por meio de questionamentos: Qual o nome daquele brinquedo que trouxemos? O que é *skate*? Onde podemos andar de *skate*? Vocês sabem andar de *skate*? Algumas crianças mostraram um conhecimento prévio sobre essa modalidade e estavam animadas para a prática.

A atividade também foi articulada pensando em promover valores importantes, como a cooperação e o saber esperar, pois compreendemos que as crianças são muito imediatistas, isso faz com que elas tenham dificuldade em lidar com a espera e o respeito pelo tempo das outras crianças (Paixão, 2017).

Iniciamos a prática na sala de uma maneira mais lúdica, fazendo com que as crianças andassem no *skate*, com nosso auxílio, e acertassem uma bolinha de piscina colorida dentro da boca de um tubarão de papelão, que construímos para acompanhar o grupo ao longo das intervenções. Destaca-se que em todas as propostas deixou-se em aberto a possibilidade de as crianças andarem no *skate* em pé, sentadas ou ainda sentadas junto ao professor, permitindo que elas escolhessem o que as deixavam mais seguras. Posteriormente, na proposta do boliche com *skate*, na qual, com nosso auxílio, elas andavam com o *skate* até os cones que estavam posicionados como pinos de boliche e tinham como objetivo derrubá-los, elas escolheram ir sentadas no *skate*.

Dito isso, ao experienciarem juntos a prática do *skate*, as crianças tiveram a oportunidade de cooperar e incentivar umas às outras no momento da realização das práticas. Dessa maneira, o contato com o *skate* foi além de uma simples exploração de um objeto novo, tornando-se um momento para estimular o desenvolvimento de habilidades e valores importantes. Um ponto importante observado ao longo das aulas em que o *skate* foi trabalhado foi a dificuldade das crianças para esperar sua vez durante as atividades, aspecto desafiador para nós. Porém, ao trabalhar essa questão durante todas as aulas do estágio, percebemos que houve uma evolução das crianças em relação a saber esperar sua vez nas aulas de Educação Física e em demais momentos da rotina na unidade educativa.

Slackline

De acordo com Nascimento, Melo e Santos (2017), o *slackline* é um esporte de aventura relativamente recente, o qual gera motivação, curiosidade, satisfações, sensações de liberdade, desafios nas crianças e tem como base o equilíbrio, a postura e concentração. Segundo Francisco, Figueiredo e Duek (2020), o *slackline* pode ser usado para causar um desequilíbrio semelhante às modalidades com prancha, exigindo uma capacidade de equilíbrio e maior concentração.

Para trabalhar o *slackline*, buscamos propor antes algumas atividades lúdicas que desenvolveram o equilíbrio, como por exemplo, andar em uma corda no chão. Logo após esse primeiro momento, realizamos uma roda de conversa com as crianças, assim como nos outros temas, com o intuito de levantar os conhecimentos prévios delas e apresentar a temática da aula. Realizamos perguntas como: vocês já viram alguém andando na corda bamba? O palhaço no circo não anda na corda bamba? A utilização do termo “corda bamba” foi para facilitar a compreensão das crianças, no entanto, na sequência, apresentamos e ensinamos para elas o nome *slackline*. Também utilizamos fotos e vídeos de desenhos, como forma de facilitar a compreensão da temática, isso fez com que as crianças ficassem animadas para realizar a prática.

Após apresentar a temática, iniciamos com as atividades que foram adaptadas à sala de referência, por conta das condições climáticas nos dias em que a temática foi trabalhada. Inicialmente, realizamos uma atividade na qual as crianças precisavam andar por cima de macarrões de piscina, uma prática adaptada às características do grupo, com o intuito de trabalhar o equilíbrio necessário para realização da prática efetiva do *slackline* (Ferreira; Silva, 2020). Também foi trabalhada a falsa baiana, para isso foram utilizados um banco e uma corda para simular essa prática, sendo essa uma das atividades que as crianças mais sentiram prazer em praticar. Mesmo em sala, foi possível realizar a instalação do *slackline*, proporcionando essa vivência em um ambiente adaptado para as crianças, seguindo o proposto pela Base Nacional Comum Curricular, a qual evidencia que essas práticas devem ser adaptadas de forma a serem trabalhadas nas aulas de Educação Física (Brasil, 2018).

Ao longo da prática, muitas crianças demonstraram entusiasmo para realizarem as atividades, da mesma maneira que outras demonstraram medo em relação à altura. Pudemos perceber que cada criança vivenciava a atividade de maneira única. Algumas, no começo, mostravam-se bastante receosas, precisando de apoio constante para subir no *slackline* e dar os primeiros passos, mas ao longo da atividade, com nosso incentivo, elas conseguiam avançar sem medo algum, fazendo com que pudéssemos perceber que o *slackline* vai além de desenvolver o equilíbrio físico, mas também estimular a superação e a confiança. No momento de andar no *slackline* todas receberam nosso auxílio e/ou da professora supervisora, e percebemos que

essa prática proporcionou o estímulo de diversas emoções e sensações, como a superação e a experimentação de um risco controlado, aspecto importante elucidado por Tahara e Darido (2018) com relação ao trabalho com a temática das práticas corporais de aventura.

Parkour e paraquedismo

Segundo Kidder (2013), o *parkour* é uma prática na qual os participantes se apropriam do ambiente urbano para se aventurar, pulando, escalando e superando diversas estruturas físicas. Quando adaptado à realidade escolar e com foco na segurança, o *parkour* pode se tornar uma ferramenta valiosa para a Educação Física. Por meio das diversas atividades associadas a essa prática, as crianças desenvolvem habilidades que vão além da motricidade, abrangendo aspectos cognitivos, como melhora no tempo de reação, postura crítica, tomada de decisões e outras competências que auxiliam no enfrentamento de situações da vida real (Alves; Corsino, 2013).

Diferente das outras práticas realizadas ao longo do estágio, o *parkour* junto ao paraquedismo foram as temáticas que tivemos menos tempo para trabalhar. Portanto, optamos por introduzir a temática com as crianças e montamos uma ponte com cadeiras na qual as crianças deveriam subir e ao final pular em um colchão com ou sem nosso auxílio, enfrentando o medo da altura e um risco controlado. Após esse primeiro momento, realizamos uma roda de conversa para mostrar vídeos e fotos referentes ao *parkour*, além de realizar perguntas como: vocês conhecem o *parkour*? Já viram alguém brincando disso? As crianças mostraram pouco conhecimento sobre a temática, porém, muito animadas para brincar. Em um terceiro momento, iniciamos a prática do *parkour* mantendo a ponte feita com cadeiras e colocando agora uma mesa na qual as crianças deveriam subir ao chegarem no final da ponte e assim pular em um colchão no chão. Para animá-las ainda mais com a atividade, colocamos, após o colchão, o tubarão feito de papelão, e após pular no colchão elas deveriam pegar uma bola com um de nós e jogá-la na boca do tubarão. Como forma de preservar a segurança das crianças, ao longo de toda a aula nós e a professora supervisora ficamos próximos dos trajetos montados para atividade.

Em uma das últimas aulas da nossa intervenção, trabalhamos o paraquedismo. Inicialmente, levamos paraquedas de sacolas de papel e barbante, construídos por nós, para que as crianças brincassem na sala, um momento que deixou todas animadas. Em um segundo momento com vídeos e fotos foi apresentada a prática efetiva do paraquedismo para as crianças. Já como atividade principal, os estagiários preparam um paraquedas gigante, construído com uma sacola grande. A sacola foi cortada e aberta para ser colocada nas costas das crianças, com auxílio de cordas. Para realizar a simulação do paraquedismo, as crianças subiam em uma mesa e nós as levantávamos o mais alto possível, e posteriormente levávamos para o chão. Apesar de ser uma adaptação simples, foi uma das atividades que as crianças mais gostaram.

Durante a aula percebemos que mesmo com materiais simples, como sacolas, barbante e cordas, que foram utilizados para a construção desses brinquedos, foi possível criar experiências ricas e significativas para as crianças. O entusiasmo delas ao vivenciar algo novo, como a simulação do paraquedismo, fez com que pudéssemos perceber que de fato o lúdico e o imaginário são uma ferramenta poderosa no processo de aprendizagem, fazendo com que as crianças imaginassem e vivenciassem uma experiência que normalmente seria inacessível para elas (Francisco; Figueiredo; Duek, 2020).

Saídas de campo

Além das atividades realizadas na instituição, os estagiários, com o apoio da professora orientadora, da supervisora, das professoras de sala, da direção pedagógica e das famílias, tiveram a oportunidade de levar as crianças para duas saídas de estudo. Como as práticas corporais de aventura podem ocorrer tanto em ambientes urbanos quanto na natureza, a exploração de espaços como parques, florestas, praias e até mesmo a própria escola torna-se uma possibilidade enriquecedora ao trabalhar essa temática (Agapto; Moura, 2022).

A primeira saída realizada foi até o *Skate Park* do bairro Abraão, o maior complexo de *Skate*

da cidade de Florianópolis. Todas as crianças puderam andar de *skate* na pista com nosso auxílio e conhecer todo o local, com essa saída finalizamos os trabalhos com a temática do *skate*.

Além dessa experiência, também tivemos a oportunidade de levar as crianças a uma praia próxima à unidade educativa para conhecerem o barco a vela. Diferente do *skate*, esse conteúdo foi trabalhado diretamente na saída de campo, isso possibilita uma vivência prática da modalidade (Tahara; Carnicelli Filho, 2013). Todas as crianças adoraram a ida à praia e tiveram a oportunidade de conhecer o barco, subir a bordo e manusear a vela.

O barco a vela foi o único conteúdo trabalhado que proporcionou um contato mais direto com a natureza, aspecto fundamental ao abordar as práticas corporais de aventura. Conforme destacado por França *et al.* (2023), essa vivência estimula a sensação de descoberta e superação de limites, além de favorecer uma percepção mais complexa da relação com o ambiente natural.

Considerações finais

O presente relato teve como objetivo apresentar as possibilidades para inserção do conteúdo das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física no contexto da Educação Infantil. É importante destacar que a BNCC menciona as práticas corporais de aventura a partir dos anos finais do ensino fundamental, no entanto, os desafios motores e as diferentes vivências corporais que a temática proporciona contribuem significativamente para o desenvolvimento integral das crianças, o que evidencia a importância de incluir tais práticas na Educação Infantil.

Trabalhar com essa temática ao longo do Estágio Curricular Supervisionado foi uma oportunidade de ampliar as vivências das crianças com relação às práticas corporais, mostrando ainda como é possível abordar a temática da aventura na Educação Infantil. Apesar do tempo reduzido para o desenvolvimento das diversas práticas que compõem as práticas corporais de aventura, foi possível explorar diferentes modalidades com as crianças, como surfe, *skate*, *slackline*, barco a vela, *parkour* e paraquedismo. Além disso, essa experiência foi fundamental para que os estagiários, ampliassem seus conhecimentos sobre as estratégias pedagógicas necessárias para trabalhar essa temática, especialmente no contexto da Educação Infantil.

Ao longo desse período, os estagiários puderam adquirir maiores competências e habilidades relacionadas ao planejamento e à gestão das aulas na Educação Infantil, além de conhecimentos relacionados a dimensões pouco citadas, como a socioafetiva. A possibilidade de realizar o estágio em dupla e o auxílio das professoras orientadora e supervisora foram um fator importante para o desenvolvimento de atividades que somente com um professor em sala seriam inviáveis, possibilitando, assim, diferentes vivências para as crianças.

Destaca-se, ainda, a importância das adaptações realizadas ao longo do estágio, essas possibilitaram que as propostas descritas fossem realizadas. Ao trabalhar com as práticas corporais de aventura no contexto da Educação Infantil, o intuito não deve ser realizar a prática em si, mas sim tematizar esse conteúdo nas aulas de Educação Física, proporcionando vivências e criando experiências únicas por meio de diversos elementos dessas práticas.

Agradecimento

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001 e Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Referências

AGAPTO, Raimundo Erick de Sousa; MOURA, Diego Luz. A disciplina de práticas corporais de aventura a partir dos professores dos cursos de licenciatura em Educação Física. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 9, n. 15, p. 169-184, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7020>. Acesso em: 19 jan. 2025.

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. O parkour como possibilidade para educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 41, p. 247-257, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n41p247>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p247>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio. O skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n. 3, p. 799-807, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p799>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/tm7dGTDWxVVj3SMzKcF3Fqg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a Base**. Brasília: MEC; CONSED; UNDIMED, 2018.

FERREIRA, Jéssica Carina Silva; SILVA, Paula Cristina da Costa. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 3, p. 157-164, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p157>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23628>. Acesso em: 19 nov. 2024.

FRANÇA, Dilvano Leder de; ROCHA, Adair José Pereira da; OLIVEIRA, Valdomiro de; VAGETTI, Gislaíne Cristina. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, v. 33, n. 66, p. e33, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v33.n.66.s16988>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16988>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FRANCISCO, Filipe Botelho; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; DUEK, Viviane Preichardt. Práticas corporais de aventura nas dimensões do conteúdo: experiência na educação infantil. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 37, p. 508-524, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.4755>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4755>. Acesso em: 8 nov. 2024.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. **Atividades de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

IACZNSKI, Luiz Antônio; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; DUEK, Viviane Preichardt. Esportes de aventura e educação física: aproximações com a educação infantil. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 16, e8429, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7867/1809-0354202116e8429>. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8429>. Acesso em: 13 nov. 2024.

KIDDER, Jeffrey. Parkour: Adventure, Risk, and Safety in the Urban Environment. **Qualitative Sociology**, [s. l.], v. 36, n. 6, p. 231-250, 2013. DOI: 10.1007/s11133-013-9254-8. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11133-013-9254-8>. Acesso em: 16 jan. 2025.

LOUREIRO, Walk; SOEIRO, Lucas Borges; MIRANDA, Ríquel Martins; LOUREIRO, Danielle Queiroz Pereira. Radicalizando e aventurando com a educação infantil. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 1, p. 53-65, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5990>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Desportes extremos en la escuela: las tres dimensiones de los contenidos y el desarrollo del pensamiento crítico. **Innovación Educativa**, Santiago de Compostela, n. 25, p. 249-267, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15304/ie.25.2523>. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/ie/article/view/2523>. Acesso em: 20 nov. 2024

MARTINS, Priscila Custódio; ANSELMO, Murilo Luiz. O esporte radical e suas possibilidades na educação infantil: o relato de experiência em uma unidade educacional. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 60-68, 2015. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2185>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MELLO, André da Silva; MARCHIORI, Alexandre Freitas; BOLZAN, Érica; KLIPPEL, Marcos Vinicius; ROCHA, Maria Celeste; MAZZERI, Victor Reis. Por uma perspectiva pedagógica para a Educação Física com a Educação Infantil. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 10, p. 327-342, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2868>. Acesso em: 18 jan. 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 6 nov. 2024.

NASCIMENTO, Alex Souza; MELO, Ibson Correia; SANTOS, José Vasconcelos. **O slackline enquanto um conteúdo nas aulas de Educação Física escolas**: possibilidades e contribuições. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física Licenciatura) – Centro Universitário Tabosa de Almeida, Caruaru, 2017.

PEREIRA, Dimitri Wuo, ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura; 2010.

PAIXÃO, Jairo Antônio. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SANTOS, Jarbas Pereira; NUNES, Rômulo Eduardo Peres; SANTOS, José Ricardo; REIS, Simone Pereira; MENDES, Marilda Teixeira. Esportes e atividades de aventura como conteúdo das aulas de Educação Física. **EFDEPORTES**, Buenos Aires, v. 18, n. 190, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd190/atividades-de-aventura-como-conteudo-das-aulas.htm>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SENA, Dianne Cristina Souza de; LEMOS, Miguel Herick Sousa de. Parkour: propostas de aulas na educação física escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 2, p. 159-169, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n2.p159>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23641>. Acesso em: 12 jan. 2025.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas Corporais de Aventura em aulas de Educação Física na escola. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v14i2.8646059>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 17 nov. 2024.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física escolar em Ilhéus/BA. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 973-986, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.75302>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/75302>. Acesso em: 12 nov. 2024.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

Disponível em: <https://seer.ufm.edu.br/revistaelectronica/index.php/aces/article/view/245>.
Acesso em: 20 nov. 2024.

Recebido em 10 de março de 2025
Aceito em 13 de maio de 2025